

ESTRATÉGIAS DE INCLUSÃO ATRAVÉS DO BRINCAR: políticas públicas para o desenvolvimento das crianças ciganas em Quissamã, RJ

Maria Cristina Marques¹

Resumo: Este estudo, originário de uma tese defendida em 2023, lança luz sobre a infância cigana, com ênfase particular nas práticas lúdicas dentro do acampamento Mathias, localizado em Quissamã, Rio de Janeiro. Através de uma metodologia etnográfica adaptativa, que incluiu visitas ao campo e o uso de tecnologias móveis para coleta de dados durante a pandemia de COVID-19, o estudo documenta a rica experiência de brincar dessas crianças, destacando a falta de atenção dada a essas práticas tanto na literatura acadêmica quanto nas políticas públicas. Os resultados apontam para um contraste significativo entre as necessidades reais das crianças Calon e as abordagens educacionais e políticas existentes, sugerindo uma necessidade urgente de políticas públicas mais inclusivas e sensíveis à realidade cigana. Além disso, o estudo reforça a importância de legislação específica que reconheça e integre a cultura cigana nas salas de aula, de maneira comparável às proteções oferecidas às culturas afro-brasileira, africana e indígena.

Palavras-chave: Infância cigana; Práticas lúdicas; Políticas públicas educacionais; Inclusão cultural.

INCLUSION STRATEGIES THROUGH PLAY: public policies for the development of Roma children in Quissamã, RJ

Abstract: This study, derived from a thesis defended in 2023, sheds light on Roma childhood, with a particular emphasis on playful practices within the Mathias camp, located in Quissamã, Rio de Janeiro. Using an adaptive ethnographic methodology, which included field visits and the use of mobile technologies for data collection during the COVID-19 pandemic, the study documents the rich play experiences of these children, highlighting the lack of attention given to these practices both in academic literature and public policies. The results point to a significant contrast between the real needs of the Calon children and the existing educational and policy approaches, suggesting an urgent need for more inclusive public policies that are sensitive to the Roma reality. Furthermore, the study emphasizes the importance of specific legislation

¹ Professora Doutora pela Universidade do Rio de Janeiro - UERJ. Mestre em Relações Étnico-Raciais pelo CEFET _RJ. Professora de Língua Inglesa da Rede Estadual do Rio de Janeiro e de Língua Portuguesa do município de Macaé, RJ. Sacerdotisa de Umbanda do CROHR. Saquarema, RJ. Pesquisadora Independente. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3373918509246581>

that recognizes and integrates Roma culture into classrooms, in a manner comparable to the protections offered to Afro-Brazilian, African, and Indigenous cultures.

Keywords: Roma childhood; Playful practices; Educational public policies; Cultural inclusion.

ESTRATEGIAS DE INCLUSIÓN A TRAVÉS DEL JUEGO: políticas públicas para el desarrollo de los niños gitanos en Quissamã, RJ

Resumen: Este estudio, originado de una tesis defendida en 2023, arroja luz sobre la infancia gitana, con un énfasis particular en las prácticas lúdicas dentro del campamento Mathias, ubicado en Quissamã, Rio de Janeiro. Utilizando una metodología etnográfica adaptativa, que incluyó visitas al campo y el uso de tecnologías móviles para la recolección de datos durante la pandemia de COVID-19, el estudio documenta la rica experiencia de juego de estos niños, destacando la falta de atención a estas prácticas tanto en la literatura académica como en las políticas públicas. Los resultados señalan un contraste significativo entre las necesidades reales de los niños Calon y los enfoques educativos y políticos existentes, sugiriendo una necesidad urgente de políticas públicas más inclusivas y sensibles a la realidad gitana. Además, el estudio refuerza la importancia de una legislación específica que reconozca e integre la cultura gitana en las aulas, de manera comparable a las protecciones ofrecidas a las culturas afrobrasileña, africana e indígena.

Palabras clave: Infancia gitana; Prácticas lúdicas; Políticas públicas educativas; Inclusión cultural.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, fruto da tese defendida em 2023, mergulhamos no estudo da infância cigana. Nosso foco recai sobre uma área pouco visitada pelos acadêmicos: as práticas lúdicas nas comunidades ciganas, olhando com especial afeto para as crianças Calon do acampamento Mathias, em Quissamã, no Rio de Janeiro, Brasil.

Reconhecemos a vital importância do brincar no desenvolvimento infantil, um entrelaçamento de dimensões sociais, culturais e educacionais.

Essa ausência de estudo transcende o campo acadêmico, atingindo diretamente as políticas públicas. A carência de estudos direcionados resulta em políticas para a educação e o bem-estar das crianças que, lamentavelmente, não só falham em atender às suas necessidades, como também contribuem para a perpetuação de estereótipos e más concepções acerca das crianças. Calor dentro do contexto educacional, trazendo à luz as ricas experiências de brincar dessas crianças e como elas podem informar políticas mais inclusivas e sensíveis às suas realidades.

Em relação à enigmática origem dos ciganos, nosso estudo se propõe a explorar esse território pouco conhecido com os argumentos de Teixeira (2007) que oferece uma visão detalhada e abrangente sobre a complexa história dos ciganos, caracterizando-a como um mosaico étnico vibrante, formado por uma variedade de grupos distintos, cada qual possuindo suas tradições, idiomas e práticas culturais únicas. Segundo o autor, esta diversidade étnica desempenha um papel crucial na compreensão da cultura cigana, pois cada grupo contribui de forma única para o panorama da identidade cigana.

O ingresso dos ciganos no Brasil é marcado por uma espécie de nomadismo forçado, impulsionado pelas expulsões de outros territórios. Estes viajantes foram trazidos de Portugal durante os primeiros anos do "descobrimento", a mando do rei português. O pesquisador esclarece: "A documentação disponível revela que a presença cigana no Brasil teve início em 1574, com o degredo de João Torres, sua esposa e filhos para o território brasileiro" (TEIXEIRA, 2007, p. 11).

No trabalho de Frans Moonen (2013), explora-se a complexidade e a diversidade das comunidades ciganas, desmantelando o uso genérico e historicamente carregado do termo "cigano", originado na Europa do século XV. O autor destaca que, em contraste com essa denominação abrangente, as comunidades ciganas preferem autodenominações que refletem sua diversidade cultural e linguística. Identificam-se, principalmente, três grupos principais: os Rom, ou Roma, falantes do romani e subdivididos em múltiplos subgrupos como Kalderash e Lovara, com uma presença significativa nos Bálcãs e uma diáspora que se estendeu para outras regiões da Europa e Américas desde o século XIX; os Sinti, falantes do sintó, concentrados na

Alemanha, Itália e França; e os Calon² ou Kalé, conhecidos como ciganos ibéricos ou Gitanos em Portugal e Espanha, que também se dispersaram por outros territórios europeus e migraram para a América do Sul.

Em relação ao brincar Calon, Marques (2023) ressalta que o brincar se torna uma parte inseparável da existência de uma criança. Essencial para o desenvolvimento motor, cognitivo e social, o ato de brincar é um portal através do qual ela explora e imita as nuances do cotidiano familiar. Na companhia de seus pares, não apenas compartilha experiências, mas também mergulha profundamente na dimensão lúdica, onde a felicidade é uma constante. Brincar permite à criança expressar criatividade, movimentar-se, explorar ritmos e engajar-se psicologicamente de maneira única.

A importância do brincar transcende o mero ato; é um campo fértil onde a sensibilidade e os sentimentos da criança brotam e florescem. Mais do que uma fase passageira, é um aspecto vital que deveria acompanhar o indivíduo ao longo de toda a vida. No universo lúdico da infância, barracas são construídas, bonecas Calin ganham vida e cozinhas de acampamentos imaginários são criadas com panelinhas que reluzem ao sol, refletindo a inspiração tirada do ambiente familiar Calon.

Contudo, muitos adultos falham em reconhecer a profundidade e a importância fundamental do brincar. Eles subestimam como, através do lúdico, as crianças desenvolvem habilidades sociais, expandem suas inteligências, aprendem e recriam o mundo ao seu redor. O brincar não é apenas uma atividade; é a essência da aprendizagem e da expressão criativa na infância Calon, moldando indivíduos capazes de pensar, sentir e interagir com o mundo de maneira rica e significativa.

Na trajetória metodológica desta pesquisa, enfrentamos desafios e descobertas únicas, marcadas por três visitas iniciais ao campo etnográfico no início de 2019 e no alvorecer de 2020. Essas jornadas foram abruptamente interceptadas pela pandemia da COVID-19, que impôs novas dinâmicas e estratégias em nosso estudo. Curiosamente, os *smartphones*, com suas câmeras e gravadores, tornaram-se

² *Calon* é o grupo étnico cigano pesquisado nestes escritos. Sempre usaremos os nomes *Calon*, (homem cigano) *Calin*, (mulher cigana), *Gadje*, (homem não cigano) *Gadjin* (mulher não cigana) no singular quando houver indicação de plural. A frase "Os Calon de Quissamã" indica um grupo da etnia Calon em Quissamã. O artigo 'Os' sinaliza o plural, similar a exemplos como 'Os Sioux' ou 'Os Navajo', onde o nome da etnia não muda no plural.

ferramentas essenciais para manter o vínculo com a Calin Virgínia³, apesar das normas culturais que tradicionalmente restringem o uso desses dispositivos por mulheres na comunidade. Esta adaptação não foi apenas uma necessidade; transformou-se em um elo vital que sustentou nossa pesquisa durante um período de isolamento global.

Em 2021, o surgimento da vacinação trouxe um vislumbre de esperança e a possibilidade de retomarmos nossa imersão com uma abordagem mais direta, permitindo-nos capturar a essência da vida cigana através da fotoetnografia. Essa técnica enriquecedora resultou em mais de cem fotografias, cada uma delas cuidadosamente selecionada com a permissão da comunidade⁴, iluminando não só a beleza e a complexidade das suas tradições, mas também a resiliente adaptação da comunidade aos desafios impostos pela pandemia.

As imagens captadas antes e depois do surgimento da pandemia revelam mais do que momentos; elas são testemunhos visuais da continuidade e da mudança, pela qual nos fez passar a pandemia, desempenhando um papel crucial na compreensão da cultura cigana. Afinal, em um estudo etnográfico, especialmente aquele que se aprofunda nas ricas tradições culturais como as da comunidade cigana, as imagens falam tão alto quanto as palavras.

O coração desta análise pulsa através das vozes das crianças Calon do acampamento de Mathias, em Quissamã. Elas são mais do que participantes; são a essência viva da nossa pesquisa, cujas experiências e percepções são transformadas em narrativa textual. As imagens escolhidas para este estudo não são meros registros visuais, mas janelas através das quais articulamos nossas descobertas e construímos nossa análise.

³ Em 2019, antes do caos pandêmico, a Calin Virgínia Barreto nos recepcionou muito bem. É importante registrar que adentrar a um campo cigano não é tarefa fácil.

⁴ É importante destacar que durante o decorrer da pesquisa, obtivemos o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* devidamente assinado pelos responsáveis legais das crianças envolvidas, bem como pelas próprias crianças, autorizando o uso de suas imagens no contexto do estudo. Esses documentos garantem a conformidade ética e legal de nossa pesquisa, protegendo os direitos e a privacidade das crianças e de suas famílias.

Em cada fotografia, em cada gravação, encontramos uma tessitura rica de histórias e de aprendizados. Essas ferramentas não apenas facilitaram nossa conexão com a comunidade durante um tempo de isolamento, mas também moldaram profundamente a forma como entendemos e representamos suas experiências. Este estudo, portanto, não é apenas um relato acadêmico; é um testemunho da força, adaptabilidade e resiliência da comunidade cigana, vista através das lentes da pandemia e além dela.

Quando escrevemos os nossos textos, percorremos um processo de auto avaliação em relação a quais imagens escolhermos e qual o rumo que ela dará aos escritos. As fotografias produzidas se costuram nas escritas do texto, nas legendas das fotos que as representam. Para nós, é importante trazê-las com os nomes das crianças, devidamente autorizados por elas e por suas famílias, suas falas, e sempre buscar uma proximidade com elas nas pesquisas. Desse modo, queiramos ou não, é uma mudança no modo de escrita com os devidos cuidados com os corpos ciganos e com a devida preocupação com os registros sobre eles.

Como resultado, o papel do brincar transcende a simples atividade recreativa, entrelaçando-se profundamente com a trama da vida comunitária, onde ele é tanto formado pelo quanto forma o panorama cultural ao seu redor. Esta nova compreensão sobre o ato de brincar proporciona insights cruciais para educadores e formuladores de políticas educacionais, iluminando caminhos para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas e currículos que valorizem a diversidade cultural e fomentem um ambiente de aprendizado que seja ao mesmo tempo inclusivo e respeitoso.

Vale ressaltar que este estudo se apresenta como uma contribuição pioneira na literatura acadêmica, centrando-se na experiência lúdica da infância cigana, e representa um passo significativo além das abordagens anteriores, semelhante ao estudo de Monteiro (2019), que se concentrava em aspectos socioculturais e demográficos. A carência de estudos dedicados às práticas lúdicas, entre as crianças ciganas, destaca-se como um desafio notável. Tal lacuna tem implicações diretas nas políticas públicas voltadas para a educação e o bem-estar das crianças, frequentemente contribuindo para a continuidade de estereótipos e para um aumento na marginalização desses grupos.

A necessidade de políticas públicas específicas para a comunidade cigana, distintas das implementadas para outras comunidades tradicionais, ressalta a

importância de reconhecer e valorizar a singularidade de cada grupo cultural. Os ciganos, com seus costumes únicos, ritmos de vida e de perspectivas, apresentam necessidades e desafios distintos. Seu modo de vida itinerante, suas práticas culturais e sociais, bem como sua forma de organização comunitária, exigem abordagens diferenciadas em termos de políticas públicas.

DISCUSSÃO

Imagem 1: Mathias, acampamento cigano



Fonte: Acervo do autor (2022)

Capturada do alto, a imagem oferece um vislumbre da vida vibrante do acampamento cigano Mathias em Quissamã, um lugar onde o tempo e o espaço são tecidos com as risadas e os jogos das crianças. Entre as ruas estreitas e casas

coloridas, pequenos pés correm e dançam, aprendendo e vivenciando os costumes ricos e as tradições que definem sua cultura única e o sentido de comunidade.

A fundação do acampamento iniciou-se com a liderança de Calon Gola, um proeminente membro da comunidade que, posteriormente, acolheu seus 'primos', termo carinhosamente utilizado pelos ciganos para designar seus parentes. Com o passar do tempo, Calon de diversos estados foram atraídos para este lugar, adquirindo pequenas parcelas de terra por valores simbólicos de R\$100,00. Esta comunidade é conhecida como 'ciganos sedentários' por sua decisão de se estabelecer permanentemente no local.

A Calin Paloma compartilhou conosco sua firme crença na autonomia e propriedade individual: uma vez adquirido seu terreno, ele se torna exclusivamente dela, livre de qualquer domínio externo. "Não há chefe, nem dono deste lugar, este espaço é unicamente meu", afirmou com convicção. A dinâmica do acampamento é complementada pela presença dos 'nômades', aqueles que mantêm o espírito cigano de movimento, tendo um espaço à frente do acampamento Mathias, situado do outro lado da rua, reservado para suas estadias transitórias. Essa localidade também é do chefe do acampamento, Gola.

Ana Kátia Pereira Pinto (2017) mergulha nas complexidades da existência cigana dentro de uma sociedade que os marginaliza e estigmatiza. A autora desenha um quadro onde os ciganos, rotulados como estrangeiros e deslocados pela comunidade dominante, enfrentam o desafio de navegar em um mundo que frequentemente os vê, através das lentes da desconfiança e do preconceito. A itinerância, uma característica distintiva deste grupo, é muitas vezes interpretada negativamente, ofuscando a riqueza e a singularidade de sua cultura nômade. Segundo a estudiosa, as interações sociais dos ciganos com outros grupos estão impregnadas de discriminação. Esta realidade nasce de um imaginário coletivo construído sobre estereótipos e um conhecimento superficial, que muitas vezes se limita a uma visão estreita das práticas de quiromancia e cartomancia, tradicionalmente associadas às mulheres Calin, e a negociação de itens como joias e têxteis, vista como domínio masculino.

O cruzo – As pipas se enroscam no céu

Difícil fotografar o silêncio

Entretanto tentei. Eu conto: Madrugada a minha aldeia estava morta. Não se ouvia um barulho, ninguém passava entre as casas. Ia o silêncio pela rua carregando um bêbado
Fotografei esse carregador. [...]. Preparei a máquina de novo. Tinha um perfume de jasmim. Fotografei o perfume. Vi uma lesma pregada na existência mais do que na pedra. Fotografei a existência dela. [...] Fotografei a *Nuvem de calça* e o poeta. [...]. A foto saiu legal (grifos do autor).

Manoel de Barros (2015, p. 115)

Imagem 2: Meninos Calon brincando



Legenda: Josivaldo Soares, 12 anos, calça vinho; Ravel Soares, de blusa branca, 12 anos; Davi, de blusa vinho, 11 anos, Gabriel de blusa estampada, 11 anos e Santiago, de blusa listrada .

Fonte: Acervo do autor (2022)

A fotografia, na sua essência, é uma incursão poética nos domínios do visível e do invisível. Ecoando Manoel de Barros (2015), empreendemos a tarefa de captar o não silêncio que permeia uma tarde na comunidade cigana, à margem das atenções governamentais. Esse silêncio, quase inexistente, parecia conduzir uma presença etílica pelas vielas desertas, onde a vida cigana pulsa invisível aos olhos desatentos. Com o obturador da câmera, buscamos encapsular não apenas os instantes brincantes, mas também a essência da terra vermelha, levantando-se como perfume em meio ao calor de um sábado quissamaense. Acompanhando os escritos do poeta, talvez, a existência resiliente de uma lesma, que, naquele momento, sob o sol abrasador, aderira à sua rocha de maneira quase análoga à teimosia da vida, deixando-se esquentar.

Neste "campo brincante"⁵ que nossos olhos testemunharam, as "crianças-brincantes" emergiram como protagonistas, preenchendo o espaço com sua alegria e movimento em contraste com a inércia do ambiente. A ausência da "nuvem de calça do poeta" na imagem é uma metáfora eloquente da simplicidade com que esses jovens habitam seu universo lúdico, um eco visual que captura a beleza crua do acampamento cigano. A lente torna-se, assim, um instrumento que transcende sua função primária e nos permite acessar a textura multifacetada da comunidade cigana, revelando em cada fotograma a complexidade do simples, do cotidiano, do humanamente rico.

Esta abordagem fotográfica nos desafia a perceber além do óbvio, a buscar as "criantes-narrantes" escondidas em cada detalhe capturado, criam enredos imaginários enquanto observam o embaralhar das pipas. As imagens que surgiram desses cliques carregam uma profundidade que vai além da superfície, iluminando aspectos da existência cigana frequentemente obscurecidos pela indiferença social e política. São fragmentos visuais que convidam à reflexão, que congelam instantes, mas que, paradoxalmente, comunicam histórias, anseios e a imortalidade de momentos que, mesmo efêmeros, ressoam com a perenidade da expressão humana.

Neste contexto de imagens que pensam, como pensamos a imagem? Devemos imaginá-las sem perder de vista as memórias que trazem. Além de registrar o intervalo entre as idades das crianças, ou seja, o seu desenvolvimento, as fotos das crianças *Calon*, junto às escritas da pesquisa, têm também a intenção de defesa, de proteção e de tentativa de amenizar os estigmas cristalizados sobre ciganos.

Os corpos das crianças *Calon*, refletidos no chão, parecem magnetizados pela dança das pipas, anunciando cada movimento do cruzo com uma expectativa

⁵ A análise dos dados de pesquisa permitiu a identificação dos conceitos de "campo-brincante" (lugar escolhido pelas crianças *Calon* para brincar), "criante-brincante" (criança que cria brincadeiras a todo momento) e "criante-narrante" (criança que narra e cria histórias) como categorias que emergiram das observações e interações com as crianças. Através da imersão no campo e da análise cuidadosa dos dados coletados, esses conceitos puderam ser desenvolvidos e compreendidos em contextos específicos.

palpável. Observa-se nos gestos precisos de seus dedos e na expressividade de seus rostos uma concentração quase tangível, um desejo comum de dominar a arte de pilotar a pipa, de ser parte daquela dança aérea.

Os meninos Calon, com olhos fixos no céu, acompanham um espetáculo de cores e de movimento: o balé das pipas dançando ao sopro do vento. As silhuetas das pipas, como sombras pintadas no azul celeste, são, naqueles momentos capturados, as protagonistas de um ritual ancestral onde se entrelaçam e duelam. Uma conquistará o reino das nuvens; a outra, derrotada, encontrará refúgio em um poste ou no abraço de uma árvore, retiros dignos para a arte do cruzo que não obteve vitória.

No panorama das pesquisas etnográficas, imagens anexadas podem evocar um turbilhão de pensamentos e de memórias, conforme destaca Samain (2012). A fotografia de crianças Calon olhando para o céu, seus olhos brilhando com a expectativa do voo de uma pipa, fala de um cotidiano repleto de significado. Essas imagens nos convidam a refletir sobre a cultura e as vivências desses jovens, revelando um universo onde cada gesto e olhar é um texto esperando para ser lido, uma narrativa que se desdobra em jogo e em aprendizado.

A saudade se aninha no cerne do trabalho etnográfico ao nos recordarmos dos dias vividos juntos àquela comunidade, compartilhando risadas e aprendendo sobre seus modos de vida. A brincadeira, em sua forma mais pura, é um microcosmo do mundo, um palco onde se desvenda a pesquisa e se compreende a dinâmica do cotidiano. Nas brincadeiras das crianças Calon, descortina-se um universo de conflitos e de harmonias, ensinando-nos que o ato de brincar pode ser tão revelador quanto qualquer texto acadêmico, e que, talvez, nas atividades lúdicas mais simples, residam as verdades mais profundas sobre a experiência humana Calon.

Brincar com roupa de baile

Zemilda Santos (2018) ressalta a importância fundamental da conexão afetiva entre crianças e natureza dentro do contexto lúdico, argumentando que esta interação

deve ser um elemento essencial nas brincadeiras infantis. Como educadora, ela defende a necessidade de uma compreensão profunda sobre a natureza do mundo, do ser humano e da dinâmica entre educadores, crianças e o ambiente natural. Esta compreensão é crucial para o desenvolvimento de uma prática pedagógica que fomente a formação de laços afetivos entre as crianças e o mundo natural. Santos critica abordagens pedagógicas que tratam a natureza meramente como um recurso ou que veem o reaproveitamento de materiais como uma solução, instando a busca por métodos que verdadeiramente valorizem a natureza e seus fenômenos não apenas como conteúdo educacional, mas como parte integral da experiência de aprendizado.

Richard Louv (2016) critica a paradoxal postura da sociedade moderna, que ao mesmo tempo em que desencoraja as brincadeiras tradicionais ao ar livre, lamenta o tempo excessivo que as crianças passam diante das telas, incentivando-as, sem muitas opções, a brincar fora de casa. Ele questiona o espaço e a liberdade que as crianças têm para explorar o mundo natural por conta própria, destacando a limitação de lazer organizado que não satisfaz o desejo de aventura e de descoberta inerente à infância.

Essa reflexão encontra eco no Brasil, especialmente no acampamento Calon de Quissamã, onde a infância é vivida com intensidade e liberdade. Os adultos, conscientes da brevidade desse período da vida, permitem que suas crianças explorem livremente o ambiente do acampamento. Há sempre uma Calin de olho nelas, garantindo segurança sem restringir sua autonomia. A filosofia de "um por todos e todos por um"⁶ predomina, criando um ambiente onde as brincadeiras ao ar livre são incentivadas e a interação com dispositivos eletrônicos é minimizada. As crianças desfrutam de uma liberdade rara, brincando fora de suas casas ou barracas, numa comunidade que valoriza a imaginação e a camaradagem.

⁶ O jargão "um por todos e todos por um" origina-se do romance "Os Três Mosqueteiros" de Alexandre Dumas, simbolizando lealdade e cooperação entre os personagens principais.

Ao contemplarmos novamente o ato de brincar ao ar livre, e especialmente o brincar livre, resgatamos a vívida cena dos meninos Calon, com os olhos fixos em uma pipa que dança no céu.

Com o indicador e o polegar, eles guiam as pipas como se comandasse o próprio vento, envolvendo-se na dança de encontros e desencontros no céu. O jogo capta totalmente suas mentes e olhares, numa mistura de estratégia e de admiração. E quando a batalha nos ares chega ao fim, segue-se uma nova disputa, igualmente fervorosa: a corrida para capturar a pipa vencida, antes que ela se enlace em seu pouso final, é a culminação de uma jornada de destreza, de orgulho e de alegria pura.

Voltando a nossa atenção à imagem, a pipa de Josivaldo, marcada por uma grande cruz preta e adornada por uma rosa dos ventos nas cores verde e rosa, é uma extensão de sua identidade – ele próprio selecionou seu formato e suas cores. Entretanto, o brinquedo permanece firmemente na mão do menino-adolescente-Calon, mais cativado pela competição no ar do que em liberar sua criação ao vento.

Observamos, com uma ponta de admiração, Josivaldo alheio ao entrelaçar das pipas no alto. Vestido com botas de caubói, as do tipo que ele comerciava pelo *TikTok*, e trajado com calças de cor vinho e uma camisa estampada, "roupa de baile"⁷, ele personifica a figura do menino que se equilibra à beira da adolescência. Josivaldo já aprendia a arte da "berganha", como dizem, do comércio, mas antes, passava pelo campo brincante para soltar pipa junto aos outros meninos Calon. O sol incide sobre seu rosto moreno, emprestando-lhe um brilho singular, e ali ele está, suspenso, entre as brincadeiras de infância e os primeiros passos na arte da negociação.

⁷ Em um dos capítulos da tese, o menino Calon, Brian, de dez anos, denominou "roupa de baile", a vestimenta que usam nas tardes quando se preparam para aprender com seus pais a arte da barganha.

Esse menino-adolescente-Calon⁸, detém-se para contemplar o voo das pipas, preferindo primeiro absorver a habilidade antes de imergir nela. Mais tarde, se recolhe sob a sombra de uma árvore emblemática, no cruzamento diante de sua casa, e é sob sua copa que aprende a arte da barganha, juntando-se aos homens que ali se encontram para negociar. O comércio flui com naturalidade, sem pressão, e há um claro prazer em se integrar e se misturar com os demais.

Negociações às vezes se desenrolam no bar local, em meio a outros adultos Calon, em uma dança de palavras e de gestos, que é tão parte do dia a dia quanto o cruze das pipas. As sombras dos meninos Calon, projetadas no chão, acompanham a destreza de um dos seus no comando da linha e, talvez, de outro jovem invisível na foto, cuja identidade não importa, pois no céu de Quissamã é a pipa que domina o espetáculo, não o pipeiro.

Figura 3 - Moisés Soares no campo

⁸ Utilizamos os termos: "menino-Calon"; "menina-Cain", para crianças de 3 aos 12 anos de etnia Calon; "menino-adolescente-Calon" para refletir a singularidade do ciclo de vida das crianças Calon, que experimentam um amadurecimento precoce em comparação com crianças não ciganas. Nesta comunidade, a infância é notavelmente curta e a transição para a vida adulta começa cedo. Por exemplo, aos 12 anos, muitos meninos já estão sendo apresentados a potenciais esposas da etnia Calon. Frequentemente, aos 14 anos, já estão casados. Esta é uma prática enraizada na tradição cigana.



Fonte: Acervo do autor

A menina Calin Brenda, de 10 anos, mencionara em conversas passadas, sobre o campo que circunda o acampamento. O solo avermelhado e grosso, remanescente do fundo do mar, segundo a menina, "porque Quissamã tem mar e lagoa", onde charcos abrigam anfíbios e serpentes, e onde ninguém ousa acampar ou construir. Lá, neste campo brincante, se encontra com a pipa na mão o criante-brincante Moisés de 7 anos. E há sempre, ao fundo das risadas e conversas, um sussurro do vento que viaja do mar e da lagoa, trazendo consigo histórias e segredos.

Voltando nossa atenção à cena, vemos Moisés empenhado em erguer sua pipa aos céus, enquanto as outras crianças se distraem com um animal de estimação, que, no momento, se tornou o foco de suas brincadeiras. As botas de Moisés e suas calças justas, realçadas por um cinto de caubói, não o impedem de manejar a linha com habilidade. Era quase hora de aprender a arte do comércio com seu pai e tios do acampamento. Com um carretel firme na mão direita e o outro braço pronto para lançar a pipa ao encontro do vento, ele está focado apenas em seu papel no ar,

ignorando o animal próximo a ele. No fundo, uma baliza artesanal espera por um jogo que, por agora, dá lugar à aventura de Moisés com sua pipa e ao cachorro que se apossou do interesse dos meninos.

A importância de brincar ao ar livre em contato com a natureza é enfatizada por Brites (2020, p.126), que destaca a seriedade desse assunto. Tanto que em 2019, a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) lançou um manual sobre os benefícios da vida ao ar livre para o desenvolvimento de crianças e de adolescentes⁹. Para a autora, a ordem dos pais deveria ser "Já para fora!" e é crucial que as crianças passem pelo menos uma hora no quintal, na praça ou em outros locais onde possam respirar ar puro e admirar o céu.

Na imagem, Moisés está sozinho com a pipa na mão. Sabia que ele não conseguiria fazer seu brinquedo atingir o céu azul, pois não havia vento, ninguém se interessava em segurar a sua pipa. O ar quente sinalizava que nada se movia ao redor, nem papel no chão, nem folhas de árvores, o vento era inexistente naquele momento, mas o menino queria, de qualquer modo, colocar seu brinquedo no ar.

O campo brincante no acampamento Mathias, em Quissamã, servia como um vasto palco de diversão e de liberdade para as crianças ciganas. A generosidade do espaço ali presente sinalizava um grande potencial para enriquecer ainda mais as atividades recreativas. Surgia, então, a intenção dos Calon de criar uma área dedicada exclusivamente a elas, um refúgio onde podiam explorar e expandir suas habilidades em um cenário seguro e estimulante, perto de seus familiares.

Todavia, paira a questão: as autoridades que delineiam as políticas públicas realmente levam em conta as particularidades e as necessidades da população cigana? Há um imperativo para estabelecer um diálogo genuíno entre comunidade e governo, garantindo que iniciativas como esta sejam realizadas de maneira equitativa e abrangente. Contudo, a revelação de que o terreno do "campo brincante" foi alienado pela prefeitura a não ciganos, com apenas uma minoria cigana conseguindo adquirir lotes, evidencia os desafios enfrentados na preservação desses espaços vitais para a comunidade Mathias e Quissamã.

⁹ Disponível em: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/pediatras-lancam-manual-sobre-os-beneficios-da-natureza-no-desenvolvimento-de-criancas-e-adolescentes/>. Acesso em 30 de março de 2024.

O reconhecimento e a garantia dos direitos infantis, conforme salientado por Maria Inês Delorme (2019), são imperativos para o desenvolvimento integral das crianças. Nesse sentido, emerge a necessidade de uma atuação concertada das esferas governamentais, abrangendo desde administrações municipais até o nível federal, visando não somente à população infantil do Rio de Janeiro, mas a todas as crianças brasileiras, independentemente de seu estado, cidade ou município de origem.

A pesquisadora destaca a importância de se iluminar e focalizar os direitos, desejos e valores de diferentes grupos sociais, ressaltando o respeito ao direito inalienável das crianças de brincar e de ter suas culturas reconhecidas e valorizadas nos diversos espaços de vida. Esta abordagem não apenas reafirma o compromisso com a promoção dos direitos da criança como também reconhece a diversidade cultural como um pilar fundamental na construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa.

A negligência e a inquietação de que os Calon pudessem reivindicar o espaço do "campo-brincante" destinado às crianças Calon tornaram-se evidentes quando as autoridades alocaram as terras para não ciganos, oferecendo aos Calon apenas a opção de compra de partes limitadas. Essa ação resultou na apropriação do campo, que era vital para o livre das crianças. Essas e outras questões no que tange a ações afirmativas e o reconhecimento dessas crianças em sala de aula continua sendo obstáculos das comunidades ciganas e outras comunidades tradicionais.

No caso específico das crianças Calon de Quissamã, as brincadeiras com pipas e as vestimentas de caubói não são meros passatempos; elas representam uma complexa interação de elementos culturais, sociais e educacionais. As pipas, objetos de fascínio e de entretenimento, transcendem sua aparência simples ao se tornarem símbolos de liberdade, de criatividade e de expressão cultural. Da mesma forma, a adoção de vestimentas de caubói pelas crianças reflete não apenas uma imersão lúdica em papéis e narrativas, mas também uma interação dinâmica com a cultura popular e a história, permitindo que essas crianças negociem sua identidade e pertencimento dentro e fora de sua comunidade.

Políticas Públicas - as culturas africana e cigana na Educação

No campo das políticas públicas, Rute Rodrigues (2023, p.95) oferece uma análise histórica e crítica, destacando a evolução do conceito e sua atual relevância no contexto social e econômico. A autora evidencia que o termo "políticas públicas" emergiu como uma resposta conceitual ao termo "progresso", originado no século XVII com a ascensão da modernidade e posteriormente fortalecido pelas doutrinas do liberalismo no século XIX, que enfatizavam a não intervenção do Estado na economia.

A pesquisadora sublinha que a crença no "progresso", simbolizando uma superação otimista e romântica dos problemas sociais através do avanço material, encontrou seu clímax no século XIX. No entanto, este ideal foi abalado pela historiografia científica do século XX e pelos desastrosos desdobramentos das guerras mundiais, que evidenciaram as falácias de uma promessa de progresso linear e ininterrupto.

Em uma perspectiva contemporânea, Rodrigues, apoiando-se em Heideman (2010), argumenta que o conceito de "progresso" foi reconfigurado e parcialmente substituído pela noção de "desenvolvimento". Essa mudança conceitual reflete um reconhecimento de que as promessas de progresso, agora, são mais associadas à esperança e ao esforço moral em direção a um futuro melhor.

A ideia de desenvolvimento que substitui o progresso, segundo a autora, abraça uma interpretação mais complexa e menos linear da história e da sociedade, enfatizando um compromisso com políticas que direcionem e controlem as ações econômicas e sociais de forma a alcançar o bem-estar coletivo. Esta perspectiva crítica oferece um pano de fundo importante para os estudos e a formulação de políticas públicas, direcionando o foco para estratégias mais inclusivas e sustentáveis de desenvolvimento social e econômico.

Convém ressaltar nestes escritos de comunidade cigana, as dificuldades de implementação da Lei 10.639/2003, que visa à inclusão do ensino das culturas afro-brasileira e africana nas salas de aula brasileiras, analisada por Rute Rodrigues (2023).

O estudo da autora aponta para os desafios enfrentados na atualização do currículo de História, marcado por uma versão eurocêntrica e pela sobrecarga dos profissionais da educação. Rodrigues evidencia que, embora a legislação preveja a aplicação dos conteúdos em todas as disciplinas, a execução efetiva depende

significativamente do engajamento da gestão escolar e da disposição individual dos professores.

Integrando-se às análises de Rute Rodrigues (2023), Danielle N. Boaz (2021), que também pesquisou o caso de Marques (2014), argumenta sobre os obstáculos enfrentados por professores nas escolas brasileiras, sobre a resistência enfrentada ao introduzir conteúdos de estudos africanos em aulas de literatura, destacando o caso emblemático de Maria Cristina Marques (2014). A docente sofreu racismo religioso e violência simbólica por utilizar a obra "Lendas de Exu" de Adilson Martins, que desmistifica a figura de Exu, uma divindade do panteão afro-brasileiro, visando à valorização da cultura africana.

Em paralelo, Boaz (2021) revela como instituições brasileiras supostamente progressistas perpetuam políticas discriminatórias, impondo práticas cristãs e restringindo a expressão de fé de religiões afro-brasileiras. A autora documenta casos onde alunos e professores são coagidos a se conformar com o cristianismo, excluindo símbolos de outras fés de suas práticas educacionais. A pesquisadora argumenta que:

Brazilian schools are far advanced beyond most of their counterparts in the Western Hemisphere in terms of their policies regarding race and inclusion. However, the implementation of these policies, including the lack of suitable training for teachers and opposition from ultra-right, evangelical sects, poses significant challenges¹⁰ (BOAS, p. 111, 2021).

Tal fragmento enfatiza a resistência cultural e a imposição de normas religiosas cristãs nas escolas brasileiras, que se manifestam como barreiras à implementação de uma educação verdadeiramente inclusiva. Ao destacar a necessidade urgente de políticas públicas mais abrangentes e de formação docente apropriada, propõe-se um caminho para a superação dessas adversidades, promovendo um ambiente de aprendizado que respeite e celebre a diversidade religiosa e cultural.

Convém ressaltar que a legislação brasileira, por meio da Lei 10.639/2003, aponta um caminho para a inclusão da cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar, procurando assegurar sua presença contínua em todas as disciplinas. Apesar

¹⁰ Tradução nossa: As escolas brasileiras estão bem mais avançadas que a maioria das suas equivalentes no Hemisfério Ocidental no que diz respeito às políticas de raça e inclusão. Contudo, a implementação dessas políticas enfrenta desafios consideráveis, incluindo a falta de formação adequada para os professores e a resistência de setores ultradireitistas e evangélicos.

da existência dessa legislação, que promove uma visão mais abrangente e diversificada da história e da cultura, observa-se uma prática educacional que ainda se esforça para alinhar-se plenamente aos seus mandamentos. As escolas são incentivadas a integrar tais conteúdos no ensino diário, no entanto, relatos de educadores sugerem que as celebrações culturais frequentemente se concentram apenas em datas comemorativas específicas, como o Dia da Consciência Negra, não se estendendo de maneira sistemática ao longo do ano letivo.

No que diz respeito à comunidade cigana, a situação é ainda mais complexa, pois não há uma legislação equivalente que ampare de forma explícita a inclusão de sua história e de sua cultura no currículo escolar. Embora existam escritos de acordo com a Lei¹¹ que mencionem a promoção da educação e cultura cigana, o que inclui a garantia de acesso à educação básica e a criação de espaços culturais, a falta de uma lei específica como a que ampara a cultura africana e afro-brasileira em sala de aula deixa um vácuo na representatividade e no reconhecimento efetivo dos ciganos no ambiente educacional.

Esse contexto evidencia a necessidade de um esforço contínuo para uma prática educacional que não somente celebre as culturas em momentos isolados, mas que também as insira de forma orgânica e constante no dia a dia escolar. Assim, tanto para a cultura africana e afro-brasileira quanto para a cigana, desafios significativos se apresentam aos educadores, gestores e formuladores de políticas públicas no que se refere a respeitar e incorporar a riqueza e a diversidade cultural no processo educativo brasileiro.

O brincar na educação

A valorização do brincar no âmbito educativo emerge como uma premissa fundamental que ultrapassa fronteiras geográficas e culturais, evidenciando-se como

¹¹ Art. 5º O poder público promoverá: I – o incentivo à educação básica da população cigana, sem distinção de gênero; II – o apoio à educação da população cigana por meio de entidades públicas e privadas; III – a criação de espaços para a disseminação da cultura da população cigana. [...] Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=4038455&ts=1655324480404&disposition=inline>. Acesso em 30 de março de 2024.

um vetor essencial no desenvolvimento infantil e na constituição da experiência humana em sua plenitude.

A exemplos, a investigação realizada por Cardoso e Bonomo (2019), focada nas práticas lúdicas das crianças Calon do Espírito Santo, conjuntamente com as análises de Silva e Sodré *et all* (2017), acerca das experiências lúdicas em ambientes rurais e do Pantanal, ilustra a riqueza e a complexidade dessas interações. Os referidos estudos sublinham como o ato de brincar transcende   mera recreação, refletindo e reconfigurando o tecido sociocultural no qual as crianças estão inseridas. Essas práticas lúdicas emergem como instrumentos cruciais de socialização, construção do conhecimento e expressão da identidade social, delineando um campo fértil para o reconhecimento e a valorização das dimensões educativas intr secas ao brincar.

Essa riqueza das práticas lúdicas, conforme explorado nos estudos mencionados, ressalta a necessidade crítica de uma abordagem pedagógica que valorize e incorpore o contexto cultural e ambiental das crianças. Integrar essas vivências lúdicas no currículo escolar não são enriqueceria a experiência educativa, promovendo o desenvolvimento cognitivo, social e emocional, mas também fortaleceria a conexão das crianças com sua herança cultural e com a comunidade mais ampla.

Assim, ao reconhecer a importância do brincar, a educação pode se tornar um processo mais inclusivo, significativo e ressonante com as realidades vividas pelas crianças, especialmente em comunidades com práticas culturais distintas como a das de Quissamã.

Especificamente, no que concerne às crianças Calon de Quissamã, as atividades lúdicas, como o jogo com pipas e as vestimentas de caubói, transcendem a mera recreação, incorporando um rico panorama de simbolismo cultural, expressão de liberdade e criatividade, e uma ponte para a interação com narrativas globais e locais. A escolha de brinquedos e temas de brincadeira pelas crianças Calon não   arbitrária; ao contrário, reflete um diálogo contínuo com seu patrim nio cultural e com influências externas, evidenciando a capacidade das práticas lúdicas de mediar a relação entre o indivíduo e a comunidade, entre o local e o global.

A importância do aspecto lúdico na cultura Calon transcende a mera recreação, constituindo-se como um pilar fundamental para o desenvolvimento integral e a transmissão cultural dessa comunidade. Embora as discussões acad micas e sociais

sobre os ciganos frequentemente se concentrem em questões prementes, como políticas públicas, esclarecimento de estereótipos e debates de gênero, a esfera lúdica também merece uma atenção especial por ser um domínio onde a expressão cultural pura e a universalidade da experiência infantil se manifestam.

Reconhecer e valorizar as práticas lúdicas das crianças Calon não só celebra a alegria e a criatividade inerentes à fase infantil, mas também ilumina a diversidade e a resiliência cultural que caracterizam estas comunidades. Este reconhecimento nos lembra que, apesar dos desafios e mal-entendidos que possam circundar os grupos ciganos, o direito ao lazer, à expressão livre e ao desenvolvimento saudável de cada criança é inalienável e merece ser defendido e promovido.

Incorporando as perspectivas de Delorme (2019) sobre a interação das crianças com os espaços urbanos, ressalta-se a capacidade expressiva e crítica dos menores em relação às suas vivências lúdicas, aos ambientes que frequentam e às práticas culturais inerentes a seus contextos de vida. Conforme Delorme aponta, as necessidades e percepções das crianças variam significativamente em função dos espaços que habitam, sendo tal diversidade reconhecida tanto por elas quanto pelos adultos responsáveis. Este fenômeno sublinha o direito das crianças à cidade, enfatizando que, embora desprovidas do direito ao voto, suas vozes e visões sobre os espaços lúdicos urbanos merecem atenção e valorização.

Em Quissamã, o "campo brincante" já não existe, refletindo a efemeridade da infância Calon no acampamento Mathias. Lá, jovens de catorze anos começam os preparativos para o casamento, uma tradição não exclusiva dos Calon, mas também observada em outros grupos, incluindo adolescentes não ciganos. Isso evidencia a complexidade das vivências infantis nesse contexto.

Estes exemplos evidenciam a necessidade de um olhar cuidadoso e não julgador sobre as práticas culturais distintas, promovendo o respeito e a compreensão das tradições de cada grupo, ao mesmo tempo em que se defende o espaço para brincar e o direito das crianças à expressão e à participação na vida cívica de suas comunidades.

CONSIDERAÇÕES A SEGUIR

Este estudo abordou a intersecção entre as práticas lúdicas das crianças Calon em Quissamã e a necessidade de políticas públicas inclusivas que respeitem a cultura cigana, na escola. Revelou a lacuna nas políticas educacionais e de bem-estar infantil, que falham em reconhecer as especificidades dessa comunidade, e destacou a importância de uma legislação que proteja a identidade cultural cigana nas escolas. Essencialmente, o trabalho enfatiza a urgência de abordagens que vão além da mera aceitação da diversidade, propondo uma inclusão que honre os direitos sociais, culturais e econômicos dos ciganos.

Comparativamente, enquanto outras minorias lutam por reconhecimento em contextos históricos e territoriais específicos, os ciganos enfrentam desafios adicionais de mobilidade e de estigma social. Isso demanda políticas que garantam não apenas os direitos básicos, como educação e saúde, mas que também preservem suas tradições nômades e combatam a discriminação.

O pioneirismo deste estudo reside em sua abordagem focada na infância cigana, ressaltando como as experiências lúdicas são cruciais para o desenvolvimento da criança e como podem informar políticas mais representativas. A pesquisa aponta para a necessidade crítica de um compromisso por parte de educadores e de gestores na implementação eficaz da legislação existente e na formulação de novas leis que assegurem a inclusão cultural cigana no currículo escolar.

Portanto, a efetivação de políticas inclusivas requer um diálogo contínuo com as comunidades ciganas, assegurando que suas vozes orientem iniciativas equitativas. Este trabalho não somente ilumina as experiências das crianças ciganas, mas também instiga a adoção de legislação abrangente que promova a verdadeira inclusão dessa cultura no sistema educacional, marcando um avanço significativo para a diversidade cultural no Brasil.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. *Meu quintal é maior do que o mundo*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015.

BOAZ, Danielle N. *Banning Black gods: law and religions of the African diaspora*. University Press, Pennsylvania: the Pennsylvania State University Press, 2021.

BRITES, Luciana. *Brincar é fundamental: como entender o neurodesenvolvimento e resgatar a importância do brincar durante a primeira infância*. São Paulo: Gente, 2020.

CARDOSO, G. K. A.; BONOMO, M. Infância Calon: Socialização Étnica e Identidade Social entre Crianças Ciganas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 39, n. spe,p. 67-84, 2019. DOI: 10.1590/1982-3703003222651.

DELORNE, Maria Inês. *Criança e natureza nas cidades*. Rio de Janeiro: Baobá, 2019.

HEIDEMANN, Dieter ; PINHEIRO, Fernanda ; MALINA, Léa ; PINHEIRO, Maíra . Relatório da comissão de trabalho de campo XV ENG 2008 Terra Livre , v. I , p. 231 - , 2010. ISSN: 01028030.

LOUV, Richard. *A última criança da natureza: resgatando nossas crianças do transtorno de déficit de natureza*; tradução Alyne Azuma, Cláudia Belhassof. São Paulo: Aquariana, 2016.

MARQUES, Maria Cristina. *O Brincar, a Educação E As Crianças Calon Do Acampamento Cigano De Quissamã, RJ: uma fotoetnografia de brincadeiras e de aprendizagens*. 2023. Disponível em : <http://www.bdttd.uerj.br/handle/1/20206>. Acesso em 23 de março de 2024.

MARQUES, Maria Cristina. *Lendas de Exu sob os Holofotes da Educação*. Dissertação (Mestrado). Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2014.

MARTINS, Adilson. *Lendas de Exu*. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

MONTEIRO, Edilma do Nascimento Jacinto. *Tempo, redes e relações: uma etnografia sobre infância e educação entre os Calon*. 2019. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Acesso em :18 de março 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/214897>.

MOONEN, Frans. *Anticiganismo e políticas ciganas na Europa e no Brasil*. Recife: Dhnet, 2013. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/a_pdf/fmo_2013_anticiganismoeuropabrasil.pdf. Acesso em 29 de março de 2024.

PINTO, Ana Kátia Pereira. *Entre andanças, transformações e fronteiras: (re)significações da escola por ciganos do Espírito Santo*. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017. Disponível em: https://sappg.ufes.br/tese_drupal/tese_11735_Tese_versao_final.pdf. Acesso em: 29 de março de 2024.

RODRIGUES, Ruth Meyre Mota. *Os bem-nascidos: racismo, eugenia e educação no Brasil*. 1ª ed. - Curitiba: Appris, 2023.

SAMAIN, Etienne. *Como pensam as imagens*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

SANTOS, Zemilda do Carmo Weber do Nascimento dos. *Criança e a experiência afetiva com a natureza*. Curitiba: Appris, 2018.

SILVA, C. V. M.; SODRÉ, L. G. P. *As crianças do campo e suas vivências: o que mostram suas brincadeiras e brinquedos*. Cadernos CEDES, Campinas, v. 37, n. 103, p. 361-376, set.-dez. 2017. DOI: 10.1590/CC0101-32622017176065.

TEIXEIRA, Rodrigo. *Ciganos em Minas Gerais: breve história*. Belo Horizonte: Crisálida, 2007.